

MÍDIAS SOCIAIS, DESINFORMAÇÃO E A DISTORÇÃO DA ESFERA PÚBLICA PELA EXTREMA DIREITA

**João Pedro Silva de Albuquerque, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Brasil,
<https://orcid.org/0000-0003-3908-8188>**

**Cecílio Merlotti Rodas, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Brasil,
<https://orcid.org/0000-0002-4856-066X>**

RESUMO

Nos últimos anos tem-se presenciado o ganho de relevância política da extrema direita. Parte das causas da ascensão desta nova onda da extrema direita está relacionada a sua capacidade de uso das mídias sociais. Por meio do alinhamento de estratégias de desinformação com o modo de produção e mediação da informação das plataformas de mídias sociais, movimentos extremistas têm afetado o debate público ao tempo que suas ideias ganham notoriedade. Nesse contexto, entende-se que as mídias sociais são instrumentos pelos quais a extrema direita utiliza a desinformação para manipular e influenciar a esfera pública. Assim, o presente trabalho, por meio de uma discussão teórica baseada pelo conceito de regimes de informação, pretende analisar e discutir como a instrumentalização das mídias sociais por grupos de extrema direita influencia e distorce a esfera pública ao seu favor. O trabalho leva a conclusões sobre como as infraestruturas das mídias sociais, ao propiciarem um regime de informação personalizado e algorítmicamente construído para cada usuário, são instrumentalizadas pela extrema direita. Estas infraestruturas alinhadas a estratégias desinformativas influenciam nos modos de criação do conhecimento, que por sua vez, afetam o desenvolvimento de ações formativas que impactam na “forma de vida”. Neste sentido, a instrumentalização das plataformas de mídias sociais tem permitido a extrema direita canalizar o poder (des)informativo para criar distorções e crises, cuja finalidade é afetar os processos deliberativos da esfera pública.

Palavras-Chave: Extrema Direita; Mídias Sociais; Desinformação; Esfera Pública; Regimes de Informação.

REDES SOCIALES, DESINFORMACIÓN Y LA DISTORSIÓN DE LA ESFERA PÚBLICA POR LA EXTREMA DERECHA

RESUMEN

En los últimos años, hemos presenciado el aumento de relevancia política de la extrema derecha. Parte de las causas de la ascensión de esta nueva ola de la extrema derecha está relacionada con su capacidad para utilizar las redes sociales. A través de la alineación de estrategias de desinformación con el modo de producción y mediación de la información de las plataformas de redes sociales, los movimientos extremistas han impactado en el debate público, al mismo tiempo que sus ideas ganan notoriedad. En este contexto, se entiende que las redes sociales son instrumentos a través de los cuales la extrema derecha utiliza la desinformación para manipular e influenciar la esfera pública. Por lo tanto, el presente trabajo, a través de una discusión teórica basada en el concepto de regímenes de información, tiene como objetivo analizar y discutir cómo la instrumentalización de las redes sociales por parte de grupos de extrema derecha influye y distorsiona la esfera pública a su favor. El trabajo llega a conclusiones sobre cómo las infraestructuras de las redes sociales, al proporcionar un régimen de información personalizado y construido algorítmicamente para cada usuario, son instrumentalizadas por la extrema derecha. Estas infraestructuras, alineadas con estrategias

desinformativas, influyen en los modos de creación del conocimiento, que a su vez afectan el desarrollo de acciones formativas que impactan en el "modo de vida". En este sentido, la instrumentalización de las plataformas de redes sociales ha permitido a la extrema derecha canalizar el poder (des)informativo para crear distorsiones y crisis, cuyo propósito es afectar los procesos deliberativos de la esfera pública.

Palabras-Clave: Extrema Derecha; Redes Sociales; Desinformación; Esfera Pública; Regímenes de Información.

SOCIAL MEDIA, MISINFORMATION, AND THE DISTORTION OF THE PUBLIC SPHERE BY THE FAR RIGHT

ABSTRACT

In recent years, we have witnessed the growing political relevance of the far right. Part of the reasons for the rise of this new wave of the far right is related to its ability to use social media. By aligning disinformation strategies with the information production and mediation modes of social media platforms, extremist movements have impacted public discourse while their ideas gain notoriety. In this context, it is understood that social media serve as instruments through which the far right employs disinformation to manipulate and influence the public sphere. Thus, this study, through a theoretical discussion based on the concept of information regimes, aims to analyze and discuss how the instrumentalization of social media by far-right groups influences and distorts the public sphere in their favor. The study leads to conclusions about how the infrastructures of social media, by providing a personalized and algorithmically constructed information regime for each user, are exploited by the far right. These infrastructures, aligned with disinformation strategies, influence the ways knowledge is created, which in turn affects the development of formative actions that impact the "way of life." In this sense, the instrumentalization of social media platforms has allowed the far right to channel (mis)informational power to create distortions and crises aimed at affecting the deliberative processes of the public sphere.

Keywords: Far Right; Social Media; Misinformation; Public Sphere; Information Regimes.

1 INTRODUÇÃO

Durante as eleições brasileiras de 2022 o ex-presidente do Supremo Tribunal Eleitoral brasileiro (TSE), Edson Fachin, disse que hackear a eleição é inviável, mas hackear a mente dos eleitores era uma especialidade Russa¹. Aqui não é pretendido entrar no mérito das teorias que envolvem russos interferindo em eleições, mas sim na parte da frase do ministro sobre "hackear a mente dos eleitores". Nas entrelinhas da declaração do ex-presidente do TSE entende-se que a percepção da realidade dos eleitores é algo passível de ser manipulado para afetar os sistemas políticos baseados em democracia deliberativa (Habermas, 2006).

Figuras como Steve Bannon² perceberam o potencial das mídias sociais para "hackear mentes" e têm usado estas plataformas para alavancar a extrema direita na arena democrática. Sob olhos cegos (ou permissivos) das *big techs*, as plataformas de mídias sociais têm sido instrumentalizadas por grupos políticos e ideológicos para disseminar conteúdos enganosos a fim afetar a democracia e se promoverem politicamente à medida que afetam a produção do conhecimento, o que pode levar a ranhuras na criação de sentido sobre a realidade de sujeitos que tem as mídias sociais como fonte de informação.

Essa instrumentalização das mídias sociais pela nova onda da extrema direita parece ser uma forma de hackear a esfera pública por meio do controle dos fluxos informacionais, isto não seria novidade, dado o histórico do uso dos meios de comunicação de massa e propaganda por fascistas antes da segunda guerra mundial (Adorno, 2020). Porém, a estrutura das mídias sociais apresenta um novo potencial para influenciar o sistema político por meio da criação de distorções na esfera pública.

Dado esse cenário, o presente trabalho, pretende discutir como a instrumentalização das mídias sociais pela extrema direita e a propagação de

desinformação cria distorções na esfera pública capazes de gerar pressões sobre o sistema político democrático.

Na discussão teórica o conceito de regimes de informação (González de Gómez 1999, 2012, 2020) apareceu como uma lente interessante para entender esse fenômeno, uma vez que trata do processo de criação do conhecimento que se relacionam com desenvolvimento de ações, o que colabora no entendimento de como as plataformas têm sido usadas como armas pela extrema direita, que municiadas de desinformação, permitem que se exerça um poder (des)informacional que distorce a esfera pública.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Extrema Direita

De acordo com Humberto Eco (1995) a extrema direita seria como uma nebulosa que orbita em torno de diferentes temas e os atrai em direção ao seu centro. Adorno (2020) ao tratar do fascismo argumenta algo similar quando diz que a extrema-direita é vazia e se apropria das questões que permeiam o debate e a indignação social.

Continuamente, o populismo autoritário de direita despertou em diversas sociedades do mundo, pois sua dimensão global tem relação com respostas às crises do capitalismo (Negri, Lemos & Rodrigues Pinto, 2019). A extrema direita atua de forma a buscar preencher as lacunas geradas pelas crises do capitalismo por meio do desenvolvimento de perspectivas que não atacam a causa do problema, mas desviam seu foco para outras situações, como a imigração, por exemplo, para capturar o senso de indignação social, já que os autoritarismos de extrema direita trazem resposta simples ao mal-estar existente perpetrado pelo regime neoliberal ao qual as pessoas são submetidas (Negri et al, 2019).

A soluções trazidas pela extrema direita envolvem em parte o cerceamento de indivíduos indesejáveis e o resgate de valores como família, religiosidade e pátria como forma de respostas para pessoas descartáveis, pauperizados e fadados a um não-lugar, a um não-pertencimento sociopolítico (Solano, 2018). Além disto para o desenvolvimento do seu projeto de poder os movimentos de extrema direita disseminam uma agenda relativa ao nacionalismo, conservadorismo, intolerância à diversidade (cultural, étnica, sexual), anticomunismo, machismo, violência em nome da defesa de uma comunidade/raça considerada superior (Silva, Brites, Oliviera & Borri, 2014). Concomitantemente, a extrema direita tem ligação com interesses de opressão, dominação, apropriação privada da riqueza social e, portanto, à reprodução da ordem do capital (Silva et al, 2014). Sobre isto Solano (2018) traz que a união entre o conservadorismo e o neoliberalismo funcionam de uma maneira em que o conservadorismo opera através da criação de pânico moral para atrair o centro do debate para si no intuito de ocultar os avanços neoliberais que atingem diretamente a

qualidade de vida dos cidadãos. Então, é possível pensar está nova onda da extrema direita por meio de dois eixos sendo o primeiro relativo a um conservadorismo moral e social, e outro atrelado as pautas favoráveis ao capital privado e ao estado mínimo, o que faz com que essa nova onda de extrema direita seja de caráter conservador-neoliberal (Cesarino, 2022).

Neste cenário a figura de um líder é um dos elementos balizadores do modo de operação da extrema direita. O líder é a figura agregadora das diferentes pautas que a extrema direita busca trazer para o seu centro. Segundo Cesarino (2020) a extrema direita busca construir uma equivalência entre o líder e povo, o líder seria a figura populista que se utiliza de apelos emotivos para ganhar a simpatia das massas, ele é a pessoa que está contra o sistema, que é atacado, um cruzado que luta sozinho contra um sistema que busca destruir tudo o que seria “valeroso”. Em consequência disto o discurso do líder, em um primeiro momento, pode parecer vago, porém ele é construído de forma a abarcar diferentes públicos (Cesarino, 2022). A ideia do líder que aglutina diferentes pautas para construir o seu corpo político se relaciona justamente com a indefinição de identidade da extrema direita, a falta de transparência das suas fronteiras permite juntar o que até então não parecia possível de colocar lado a lado, isto permite abrir uma variedade de pautas capazes de amplificar a energia política originada em diversos pontos para o confronto e o desmanche de um alvo definido sem maiores críticas ou exame (Cepêda, 2018).

Continuamente, a extrema direita opera o que Paxton (2007) chama de paixões mobilizadoras. Segundo o autor, as paixões mobilizadoras trazem o senso de crise catastrófica, a primazia e vitimização do grupo considerado superior para justificar o extermínio do inimigo, a defesa do líder, defesa da superioridade dos instintos do líder e o direito do grupo considerado superior de dominar os demais (Paxton, 2007).

A partir disto é possível pensar que a extrema direita opera em um paradigma de constantes crises. A sociedade sempre estaria em um limiar de ruptura frente a forças obscuras, tais como o “globalismo e comunismo”, por exemplo, que querem subverter a ordem social. Nesse contexto ocorre uma inversão na qual grupos historicamente dominantes se sentem oprimidos por avanços sociais de minorias e se tornam as vítimas, o que justificaria medidas drásticas que precisam ser tomadas em prol de sua defesa para que seus valores e modo de vida tradicional e superior não sejam “destruídos”. Desta forma a extrema direita consegue manter mobilizado seu diferentes públicos dentro do jogo político a partir da manipulação de um estado de constante ameaça que busca forçar as fronteiras do sistema político e social (Cesarino, 2022).

A partir disto entende-se que ao tempo que a vida se torna mais precarizada, inclusive em setores da classe média, a extrema direita oferece aos indivíduos afetados um senso de pertencimento e identidade a partir das construções de valores e perspectivas comuns como a do “cidadão de bem”, “trabalhador” ou “patriota” que se opõe a uma figura de um inimigo fantasioso (Cesarino, 2019). Desta forma, as paixões mobilizadoras operam de maneira a criar um plano de fundo no qual coabitam “famílias” políticas diferentes que formam uma aliança em que estão presentes liberais e conservadores com segmentos de direita radical e neofascistas, onde existe um sentimento de luta pela “liberdade econômica e valores superiores” e que também aglutina grupos de cunho militarista, religiosos, machistas, libertários e anarco-capitalistas (Cepêda, 2018).

Neste cenário também ocorre uma mudança da lógica da luta de classes, onde pequenos empresários e trabalhadores são colocados como equivalentes da elite mercadológica e econômica em contrariedade a esses inimigos morais, cujo resultado é uma ideia de unidade entre sociedade e mercado,

na qual o mercado representa os interesses da população (Cesarino, 2019). Isto também é representado em Adorno (2020) quando o autor trata da captação, pela extrema direita, de pequenos comerciantes e produtores agrários que são ameaçados pelas expansões do capital, mas encontram na retórica simplista e moralista da extrema direita a resposta para a situação de crise que estão vivendo.

Para tanto, segundo Cesarino (2022), a extrema direita atua por meio de uma via

2.2 Esfera Pública Online

Segundo Habermas (2006) a esfera pública tem como característica ser um espaço comunicacional no qual são discutidos assuntos de interesse geral que levam a formação da opinião pública. A esfera pública é relativa a tudo aquilo que é público, o lugar onde se processa a conversa aberta sobre os temas de interesse comum (Gomes, 2006).

A ideia de esfera pública é relativa aos ambientes comunicacionais compostos por diferentes infraestruturas e que apresentam particularidades a serem levadas em conta, principalmente, quando se busca analisar a influência da opinião pública sobre a política. Assim, o realismo sociológico aponta para esferas públicas, pois nas sociedades modernas, tardias, diferenciadas e de grande escala, não menos no contexto dos Estados-nação permeados pela globalização, tem-se que entender a esfera pública em seus diferentes desdobramentos (Dahlgren, 2005).

A partir disto entende-se que a internet e seus espaços, como as plataformas de mídias sociais, formam uma esfera pública *online*, cuja opinião pública é construída e levada em conta nas disputas do sistema político. No começo dos anos 2010 foi visto o potencial da esfera pública *online* na Primavera Árabe, em movimentos com o *Occupy Wall Street* e até nas jornadas de junho de 2013 no Brasil, por exemplo. Esse foi um período em que foi possível verificar a

poética que leva em consideração regimes de afetos e sensibilidades que perturba, de maneira performática, os pressupostos de impessoalidade e a dialogia polida da esfera pública. Assim, entende-se aqui que o crescimento e mobilização da extrema direita, que envolve tanto a evidência de líderes quanto paixões mobilizadoras, tem relação com a forma de comunicação que cria um plano de fundo referencial para os indivíduos enxergarem sua realidade que é refletida através da esfera pública.

crecente disseminação de informações, visões, argumentos alternativos e o exercício de práticas discursivas participativas que rejuvenesceu a discussão sobre a democracia deliberativa (Vatikiotis & Yöruk, 2016). Nesta conjuntura plataformas de mídias sociais despontaram como espaços de uma esfera pública *online* que se alinhava com o que se passava no “mundo vida”. Nestes espaços as massas expressaram seus anseios e exerceram pressões sobre o estado através do processo deliberativo *online* que insuflava os movimentos de agitação social. Tinha-se assim a ascensão dos novos meios *online* em favor de uma comunicação direta e não distorcida que ocorria junto as transformações das tecnologias de comunicação e com o aumento progressivo do uso de redes e dispositivos de mídia social na vida política das sociedades contemporâneas como um todo (Vatikiotis & Yöruk, 2016).

Todavia, a partir da leitura Dahlgren (2005) é possível compreender que a plataforma da internet em mídias sociais envolve fatores de desestabilização da comunicação política. Ao fim dos anos 2010 foram presenciados episódios como o escândalo da Cambridge Analytica e eventos como eleições dos EUA em 2016, o Brexit e as eleições no Brasil 2018 pelos quais foi possível notar que a esfera pública *online* não está livre distorções e as mídias sociais são instrumentos que possuem um potencial de manipulação da

opinião pública em prol de projetos de poder de agentes políticos e econômicos.

Sobre isso, Dijck, Poell e Waal (2018) falam que as plataformas e seus sistemas algorítmicos têm modificado os alinhamentos políticos e institucionais a partir de três propriedades: **(i)** Datificação: poder das plataformas de transformar elementos e subjetividades relativas ao mundo vida em dados sobre formas de comportamento; **(ii)** Comoditização: transformação das subjetividades, que uma vez convertidas em dados podem ser comercializadas em ativos e mercadorias; **(iii)** Seleção: mediação sobre o usuário, a escolha dos caminhos de interação com o conteúdo, serviços, sujeitos e outros elementos que o sistema algorítmico considera relevante para otimizar os processos de datificação e posterior comoditização. A partir destas propriedades entende-se que a “esfera pública *online* plataformizada” opera sobre uma lógica de mercado de dados e comunicação, onde as expressões que acontecem lá são elementos de uma economia voltada aos dados e a comercialização de conteúdo. Assim, a esfera pública *online* agora existe em um contexto no qual os sistemas algorítmicos operam o direcionamento de conteúdos personalizados baseados nas subjetividades colhidas como dados e operadas como forma de controle de agência de diversos usuários (Castro, 2020).

As plataformas criam perfis *ad-hoc* e agrupamentos de usuários que correspondem a comunidades de interesse com base em recortes de dados relativos ao escopo de determinado anúncio ou oferta (Castro, 2020). Estes agrupamentos são como comunidades pautadas em temáticas específicas que contam com usuários que se relacionam com criadores de conteúdo ou influenciadores, cuja atividade de produção de informação estimula a interação com outros usuários e traz receita para as plataformas através da venda de propaganda direcionada e para o produtor de conteúdo por meio da monetização (Castro, 2020).

Essa perspectiva de comunidades de interesse presente em Castro (2020) se alinha com uma ideia de enclaves de consenso nos quais o dissenso e a discordância são praticamente invisíveis, não apenas irreconhecíveis, mas frequentemente ocultos, cujos efeitos reforçam posições particulares e aumentam a intratabilidade das divisões sociais (Dahlberg, 2018). Isto resulta em um efeito de câmara de eco que leva a fuga de questionamentos, ao reforço de perspectivas e ao consumo de informações ideologicamente alinhadas (Ferreira, 2022).

A partir disso entende-se que as plataformas de mídias sociais podem ser usadas para manipular o processo deliberativo e gerar pressões sobre o sistema político, pois segundo Habermas (2006, 2008) a deliberação é um elemento constituinte da democracia deliberativa que está relacionado a processos de mobilização e reunião de informações capazes de gerar atitudes racionalmente motivadas para determinar o resultado de decisões. Portanto, os fluxos informacionais que permeiam a esfera pública servem de base para o indivíduo no processo deliberativo. Além disto, a esfera pública forma a periferia do sistema político e pode facilitar processos deliberativos de aprovação, e o sistema político depende da legitimação democrática em sua periferia (Habermas, 2008). Ainda de acordo com Habermas (2008) os atores da sociedade civil articulam interesses políticos e afrontam o estado por meio de demandas provenientes dos mundos vida de vários grupos que são levados a esfera pública.

Entretanto, o processo deliberativo que ocorre nas plataformas de mídias sociais é parte de um modo de produção, que por sua vez, se relaciona com processamento e coletas de dados, além do controle de conteúdo para fins de retenção de usuários nas plataformas. Segundo Romani e Mielli (2021) o ambiente algorítmicamente construído das plataformas leva a processos de deliberação nos quais os resultados obtidos são baseados na validação das crenças dos próprios indivíduos que são

constantemente reforçadas, o que pode levar ao despontar de negacionismos. Deste modo, este novo desenho social, produzido pela fragmentação das mensagens e pela ausência de referências e de controle sobre os mecanismos de produção e de distribuição de informações que circulam nas mídias sociais, pode colocar em xeque as bases da própria democracia (Romani & Mielli 2021), pois os sistemas algorítmicos de recomendação de conteúdo são projetados para reter a atenção dos usuários e satisfazer suas preferências selecionadas por esses mesmos sistemas, então é possível pensar que isto pode significar uma priorização de conteúdos polarizadores, enganosos, extremistas ou problemáticos para maximizar o engajamento dos usuários (Ferreira, 2022).

A partir desta leitura entende-se que os sistemas algorítmicos atuam como instrumentos de produção de enquadramentos que, segundo Habermas (2008), produzem sentido e consequentemente se relacionam com a formação de preferências políticas. A plataforma cria um ambiente fragmentando em que os sistemas algorítmicos afetam os processos deliberativos por meio do direcionamento de informações que se relacionam com o *background* cognitivo do sujeito e fundamentam a sua produção de sentido. Portanto, as mídias sociais operam em uma dimensão representacional da esfera pública pela qual é possível enxergar quais

2.3 Desinformação

Dentro do agir da extrema direita está a elaboração de truques para manipular a realidade, como a invenção de números, ou uso de conhecimento que não pode ser provado, que são utilizados por meio da propaganda (Adorno, 2020). Dado o contexto em que as tecnologias da informação e comunicação permitem o desenvolvimento, apropriação, uso e distribuição de informação em diferentes contextos e os seus usuários (os

grupos estão sendo representados e como seu discurso se relaciona com eventos que estão ocorrendo (Batorski & Grzywińska, 2018). Além disto, as mídias sociais são espaços em que a vigilância, que se dá por meio da coleta e processamento de dados de comportamento do usuário, é algo fundamental de sua estrutura (Silveira, 2019).

Neste cenário é possível pensar em um processo deliberativo vigiado, onde é praticável visualizar quais tendências estão sendo evidenciadas em cada grupo ao mesmo tempo em que esses grupos se configuram como comunidades de interesse que sofrem os efeitos de câmeras de eco. Isto permite o desenvolvimento de manipulações por partes de operadores políticos e ideológicos que utilizam da vigilância para criar conteúdos mais eficientes para cada enquadramento de usuários.

Portanto, a esfera pública *online* platformizada é uma desvirtuação da ideia primordial e emancipatória de uma internet livre que se relaciona com uma esfera pública direta e participativa. Ela é o resultado de uma lógica do capital de apropriação dos meios de comunicação que por sua vez se tornam instrumentos do fazer político por meio da distorção do processo deliberativo. Neste cenário a extrema direita tem se aproveitado para ascender por meio do compartilhamento de conteúdo falsos e enganosos ao tempo que se aproveita do modo de produção das plataformas.

interpretantes da informação) estão expostos constantemente a uma grande quantidade de informações erradas, fora de contexto ou propositalmente falsas (Karlova & Ha Lee, 2011), entende-se aqui que é necessário discutir o que seria desinformação para entender como se dão as distorções na esfera pública operadas pela extrema direita.

Aqui parte-se da ideia de que a desinformação se refere à criação/uso de

informações falsas dotadas de intencionalidade para causar engano, mas também informações enganosas, porém de forma accidental ou inocente, a partir da qual não há a vontade de enganar, mas que são apropriadas, mesmo quando contestadas, para ser um meio proposital de engano. (Karlova & Ha Lee, 2011, Karlova & Fisher, 2013, Fallis, 2014).

Continuamente, Karlova e Ha lee (2011) trazem que da mesma forma que a informação, a desinformação é carregada de significado, comunicada e capaz de interferir na percepção de mundo de quem a consome, portanto, independente da extensão de engano da desinformação, ela ainda é uma forma de informação. Essa perspectiva é corroborada em Fallis (2014) que argumenta sobre como a desinformação pode ser gerada a partir da utilização de fontes de informação falsas, mas também por meio de fontes de informações verdadeiras, ocultação, restrição ou polarização do acesso a determinados tipos de informações, informações verdadeiras aplicadas de formas vagas, descontextualizadas, ou representadas de forma que sua visualização cause confusão. Fallis (2015) destaca que a desinformação tem características de informação ligadas a ideia de se passar uma mensagem, contudo, diferentemente da informação, a desinformação está ligada a fins de engano e manipulação.

No trabalho de Nunes (2020), a partir do diálogo com Buckland (1991), a autora aponta que da mesma forma que a informação, a desinformação também pode ser vista como coisa, processo e a partir de seu propósito. Segundo a autora a desinformação como coisa se dá em: **(i)** falhas ou imperfeições no objeto informação; **(ii)** falha do registro da informação em seu suporte; **(iii)** falha na transmissão da informação e **(iv)** falha na percepção/compreensão/uso da informação

por parte do interpretante. Em relação a desinformação como processo, à autora traz que suas formas de manifestação são: **(i)** resultado de um defeito no processo de informar e **(ii)** execução de ações sistematizadas para se atingir o objetivo de desinformar. Por fim, a desinformação tem como propósito: **(i)** diminuir a capacidade de reflexão dos indivíduos; **(ii)** implementação de projetos de poder; e **(iii)** alertar para a impossibilidade de acesso à informação de qualidade por parte da maioria das pessoas.

Continuamente, em Wardle e Derakhsan (2017) encontra-se que as emoções possuem um papel determinante na relação do sujeito com os conteúdos desinformativos. Os autores defendem que as emoções estão estruturadas no cérebro em torno de metáforas, narrativas e quadros que ajudam a dar sentido às coisas, além de guiarem o pensamento. Soma-se a isto o fato de que a sociedade é permeada por ideologias que se configuram como um conjunto lógico, sistemático e coerente, de representações (ideias e valores) e normas ou regras de conduta que indicam aos membros da sociedade o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer (Chauí, 1981). Então, entende-se que a relação construída entre o indivíduo e a desinformação está ligada as subjetividades do indivíduo, mas também elementos ideológicos, sociais, políticos e culturais.

As reflexões feitas aqui levam ao entendimento de que a desinformação tem envolvimento com os constantes processos de transdução informacional que são influenciados pelas subjetividades do indivíduo e o seu contexto. Por conseguinte, a desinformação tem o propósito de influenciar na produção de conhecimento para criar uma percepção distorcida da realidade que pode se relacionar com projetos de poder ligados a ideologia de extrema direita.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho parte de uma abordagem exploratória, pois ela proporciona mais informações sobre o assunto de forma a auxiliar na construção de hipóteses (Prodanov, 2013) e descritiva, pelo fato dela permitir descrever fenômenos e traçar relações entre variáveis (Prodanov, 2013).

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, onde foram definidos quatro

eixos temáticos principais: “extrema direita”, “sistemas algorítmicos de mídias sociais”, “esfera pública” e “regimes de informação”.

Por fim, foi realizada uma discussão teórica entre os eixos definidos de acordo com o objetivo do trabalho a partir do conceito de regimes de informação (González de Gómez, 1999, 2012, 2020).

4 REGIMES DE INFORMAÇÃO E AS DISTORÇÕES NA ESFERA PÚBLICA

A partir do que foi trazido no referencial teórico entende-se que o conceito de regimes de informação funciona como um recurso para o entendimento de como a extrema direita utiliza as mídias sociais para afetar a esfera pública e influenciar o sistema político, uma vez que um regime de informação constitui um conjunto mais ou menos estável de redes socio comunicacionais formais e informais nas quais informações podem ser geradas, organizadas e transferidas de diferentes produtores, através de muitos e diversos meios, canais e organizações a diferentes destinatários ou receptores, sejam eles usuários específicos ou públicos amplos (González de Gómez, 2012).

Pelo que foi visto nas seções anteriores entende-se que as plataformas de mídias sociais estruturam “regimes de informações personalizados” para seus usuários a partir do *input* de dados. Nestes regimes estão presentes quais são as fontes e conteúdos mais relevantes de acordo com o perfil gerado pelos sistemas algorítmicos. Isto permite que a extrema direita fale para diferentes públicos e concatene eles em sua zona de influência. Sobre isso Cesarino (2022) fala que a extrema direita por meio do monitoramento das mídias sociais analisa quais discursos estão em maior evidência e adequa suas narrativas a depender do nível de engajamento.

Paralelamente, o processo de mediação e controle do fluxo informacional nas

mídias sociais está ligado a uma perspectiva de visibilidade da informação que de acordo com Dahlberg (2018) pode ser associada a práticas de manipulação da esfera pública, como vigilância pelo poder, exibicionismo para chamar a atenção, propagação de desinformação e várias formas de exposição maliciosa, incluindo aquelas destinadas ao escândalo, desprezo e humilhação (Dahlberg, 2018). Não atoa grupos de extrema direita utilizam táticas artificiais para se colocarem em evidência no ambiente das plataformas. Castro (2020) destaca estratégias como a utilização de robôs que engajam com o conteúdo, fazendas de *clicks*, compra de seguidores, compra de engajamento, entre outras maneiras não orgânicas que colocam em destaque perfis e conteúdos específicos. Além disto, o próprio sistema de compra de impulsionamento de conteúdo das plataformas tem sido usado para propagar conteúdos desinformativos relacionados a extrema direita, como no caso da eleição brasileira de 2022³.

Além disto, como visto mais acima a desinformação, assim como a informação se relaciona com o processo de criação do conhecimento. Pela visão que vem sendo defendida aqui, entende-se que quando a criação do conhecimento é manipulada ocorrem distorções na esfera pública, pois isso afeta o processo deliberativo. Então, as plataformas de mídias sociais atreladas a estratégias desinformativas criam distorções que levam a tensões que afetam o mundo

offline, pois o poder informacional controla os comportamentos manipulando as bases informacionais de materiais, instituições e símbolos (Braman, 2004). Neste sentido, as mídias sociais se relacionam com um processo de comunicação *online* que Schneider e Oki (2022) entendem como promotor de isolamento decorrente da construção da subjetividade através do consumo de informações pré-determinadas, o que resulta na incapacidade da análise crítica por parte do indivíduo da sua situação de classe e limitação do seu aprendizado.

Neste cenário tem-se também os profissionais de mídia, dos quais Habermas (2008) fala, desempenham um papel de autoridades informacionais e epistemológicas no regime de informação que o usuário está imerso. Estes profissionais são sujeitos que trabalham com criação e distribuição de informações, cujo poder é baseado nas tecnologias da comunicação (Habermas, 2008). No ambiente das mídias sociais é possível encarar influenciadores e criadores de conteúdos como esses profissionais de mídia, uma vez que fazem parte da lógica de produção de conteúdo das plataformas, tem grande relevância em seus segmentos influenciam a formação de opinião de sua comunidade de interesse, tem um *status* de autoridade de conhecimento, além de que suas opiniões têm credibilidade e relevância (Castro, 2020). Em uma perspectiva de regimes de informação entende-se aqui que esses atores se apresentam como produtores informacionais, cujos conteúdos funcionam como fonte para a criação de conhecimento.

Por essa razão influenciadores têm sido usados por grupos de extrema direita para manipular discussões com a finalidade de promover suas pautas. Um fato prático que se relaciona com esta ideia ocorreu durante a pandemia de Covid-19 no Brasil quando o governo federal, sob o comando do ex-presidente de extrema direita Jair Bolsonaro, realizou pagamentos para diversos influenciadores promoverem o um tratamento

sem comprovação científica contra covid-19, o chamado “tratamento precoce⁴”. Além disto, influenciadores e criadores de conteúdo colaboram para criar fatos e explicações alternativas a realidade que alimentam o ecossistema comunicacional *online* da extrema direita e que funcionam para gerar oposição ao conhecimento já estabelecido (Cesarino, 2022). Neste sentido, grupos como o Brasil Paralelo tem criados conteúdos revisionistas⁵, negacionistas e de caráter neoliberal-conservador que são compartilhados em diversas plataformas de mídias sociais.

A estrutura algoritmicamente construída das plataformas cria também uma estrutura epistêmica social que leva os usuários a se envolverem com outras pessoas com pensamentos parecidos, conteúdos e ideias semelhantes, onde raramente são expostos a ideias conflitantes e as ideias contrárias são levadas a rejeição e descrédito (Ferreria, 2022). Em consequência disto no ambiente das mídias sociais tem-se visto o despontar de um sistema perito alternativo ao jornalismo e academia (Cesarino, 2022). Não à toa tem sido comum ver nestas plataformas conteúdos relacionados a *alt-science* e *Fake News*.

Isso se relaciona com uma perspectiva presente em Habermas (2008) pela qual é possível encarar que as mídias sociais podem ser utilizadas para interferir nas informações que alimentam os processos deliberativos, que por sua vez, se relacionam com configurações de legitimidade e luta pelo poder, uma vez que os regimes de informação envolvem a produção do conhecimento e das manifestações da vida em um sentido amplo, pois associa a informação a estruturas semânticas e à produção cultural de sentido (González de Gómez, 2012).

Assim, as mensagens, fontes e canais (des)informacionais que compõem os regimes de informação nas plataformas são usados de forma a criar uma realidade distorcida do mundo real e gerar pressões no mundo *offline*,

pois, o poder informacional controla comportamentos manipulando as bases informacionais de materiais, instituições e símbolos (Braman, 2004). Desta maneira, as mídias sociais são instrumentos pelos quais se opera o controle e manipulação de subjetividades, uma vez que a produção de “regimes de informação personalizados” se alinha com uma ideia de enquadramentos, que segundo Habermas (2008) tornam os indivíduos mais suscetíveis a manipulação de opinião. Assim, os regimes de informação construídos nas mídias sociais se relacionam com uma perspectiva de criação de uma base epistemológica alternativa da extrema direita que têm relação com os diferentes cenários de disputas de poder, onde estão envolvidos distintos atores e instituições.

Portanto, o modo de produção típico das plataformas, onde são gerados “regimes de informação personalizados”, no qual profissionais de mídia tem poder e influência entre comunidades de interesse específicas, e a desinformação circula livremente, cria um contexto no qual o usuário está suscetível a um estado de constante *feedback* positivo em que perspectivas são constantemente reforçadas, o que pode levar a um ponto de cismogênese com a realidade (Cesarino, 2022). Isto leva a criação de um sistema de crenças que, por exemplo, leva a 73% dos eleitores do ex-presidente Jair Bolsonaro acreditarem que o Brasil se tornaria um país comunista com a derrota de Bolsonaro⁶ ou pessoas armadas invadindo escolas por acreditarem que professores esquerdistas estão doutrinando seus filhos.⁷

Nesse sentido os regimes de informação dentro das plataformas também se relacionam com uma dimensão da esfera pública relativa ao “controle cognitivo e argumentativo da decisão política pela sociedade civil”, onde existe uma relação entre a sociedade civil e a política na qual tem-se uma disputa para controlar cognitivamente a esfera onde se produz a decisão política (Gomes, 2006). Assim, a extrema direita utiliza

as mídias sociais como instrumentos de manipulação da opinião pública por meio do controle dos fluxos de informação que fundamentam o processo deliberativo na esfera pública, uma vez que a deliberação se dá por meio da mobilização e reunião de informações capazes de gerar atitudes racionalmente motivadas para determinar o resultado de decisões (Habermas, 2006).

A manipulação da deliberação afeta a esfera pública e desenvolve pressões sobre o sistema político a partir de elementos que não condizem com a realidade. No interior da esfera pública brotam conflitos em torno do controle dos fluxos comunicativos que percorrem o limiar entre o mundo vida, a sociedade civil e o sistema político-administrativo (Lubenow, 2010), ademais a esfera pública constitui principalmente uma estrutura comunicativa do agir orientado pelo entendimento a qual tem a ver com o espaço social gerado no agir comunicativo (Lubenow, 2010). Assim, em um modelo de democracia deliberativa a esfera pública exerce pressões sobre o sistema político, já que, o que é deliberado é levando em conta na formação de opiniões e políticas oriundas de legislaturas, mas também possui um potencial de conversão em votos (Habermas, 2008).

Isso se dá pelo fato de que as ações formativas que constroem sentido para um determinado grupo e criam noções de identidade e diferenças as quais os grupos impõem suas demandas de reconhecimento constituindo uma “forma de vida”⁸ têm como base o regime de informação que direciona a produção de conhecimento do sujeito (González de Gómez, 1999). Deste modo, entende-se que a infraestrutura tecnológica relacionada ao modo de produção das plataformas se enquadra em uma perspectiva que envolve processos políticos e sociais, uma vez que novas mediações tecnológicas formam os contextos no qual se dão ações, mas também abrem espaço para construção e controle de novas formas de sociabilidade (González de Gómez, 2020).

Sobre isso, Cesarino (2022) traz que a extrema direita bolsonarista tinha uma estratégia de governabilidade de constante estados de crise gerados pelas falas do ex-presidente Bolsonaro contra o estado democrático de direito. Estas falas, apoiadas por uma estrutura de propaganda online na qual desinformação também tem parte, levavam a um desgaste gradual do estado democrático de direito ao tempo que o presidente realizava ataques contra as instituições e recuava, porém o recuo nunca se dava ao ponto anterior da crise, mas sempre com o sistema político um pouco mais a direita. Esta perspectiva é bem representada nos fatos que envolveram os ataques ao sistema eleitoral brasileiro durante em 2022. A propaganda desinformativa em mídias sociais que a extrema direita brasileira usou para colocar em dúvida a confiança sobre urnas eletrônicas e o TSE serviram de base para que o governo federal pressionasse a justiça eleitoral ao ponto, de que pela primeira vez desde a redemocratização brasileira, os militares, grupo que compunha parte da base de apoio do ex-presidente Bolsonaro, fiscalizassem a apuração dos votos e urnas⁹.

Continuamente, segundo Schneider e Oki (2022) o controle dos meios de comunicação digitais, atende ao capitalismo alterando as relações sociais, além de promover sua antiga necessidade de anulação ou captura do potencial rebelde das massas. As mídias sociais têm sido instrumentalizadas pela extrema direita para enfraquecer projetos progressistas e emancipatórios ao tempo que também são instrumentos de disputa de poder na arena democrática, mas também para ocultar as crises do capital por meio de distorções na esfera pública, onde o debate é levado para um lado oposto ao das reais causas dos problemas, como no caso das queimadas na floresta amazônica, onde a extrema direita culpou indígenas e ONGs de causarem propositalmente os incêndios causados pelos grandes latifundiários¹⁰.

Segundo Cesarino (2022) a relação entre sistemas algorítmicos e usuários das plataformas de mídias sociais exercem um papel fundamental nesta estratégia, pois a estrutura das plataformas voltada a uma lógica de captura da atenção leva o público a um estado de órbita em torno das temáticas da extrema direita ao tempo que impede a criação e estabilização de um plano de fundo de contexto devido a constante produção de ruídos por parte da propagação de conteúdos oriundos de canais desinformativos, cuja comunicação constrói gradualmente uma realidade sociopolítica invertida.

Assim, entende-se aqui que as mídias sociais oferecem o ambiente e a infraestrutura para a extrema direita operar distorções na esfera pública, pois os regimes de informação necessitam de estruturas que forneçam sustentação a processos de circulação, formação e institucionalização do poder (González de Gómez, 1999) e as estruturas designam a capacidade de efeito e alcance do poder (des)informativo à medida que alteram as dimensões espaço-temporais, materiais e constitutivas da informação (González de Gómez, 2020)

Desse modo a limitação do usuário frente as transduções de conteúdo e conexões devido a operação de “regimes de informação personalizados” e a forma como plataformas definem a relevância de conteúdo cria um espaço de limitação de visibilidade da informação que abre espaço para que a desinformação interfira na produção do conhecimento que afeta os processos deliberativos, uma vez que visão do todo é substituída por fragmentos enviesados e manipulados da realidade, cuja consequência é a desvirtuação do processo deliberativo e consequente distorção da esfera pública que leva pouco a pouco a constrição de sistemas políticos baseados em democracia deliberativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediada que o processo deliberativo se torna mais imbricado ao ambiente *online* a esfera pública se torna mais suscetível a distorções, pois a infraestrutura comunicacional ao qual ela está atrelada opera em um sentido de controle da agência do indivíduo e tem sido aproveitado por movimentos de extrema direita para interferir na criação de sentido por meio da manipulação de regimes de informação.

Nesse sentido, o conceito de regimes de informação demonstra que a esfera pública está atrelada os fluxos informacionais que

levam a produção de conhecimento, que uma vez manipulados afetam o processo deliberativo e distorcem a esfera pública.

Por fim, entende-se que em um momento no qual se debatem e criam estratégias para enfrentar o poderio da extrema direita *online* e diferentes países vêm discutindo políticas para a regulamentação de plataformas de mídias sociais, é necessário levar em conta esta perspectiva das mídias sociais como instrumentos de disputa de poder sobre a esfera pública.

6 REFERÊNCIAS

- Adorno, T. W. (2020). Aspectos do novo radicalismo de direita.
- Batorski, D., & Grzywińska, I. (2017). Three dimensions of the public sphere on Facebook. *Information, Communication & Society*, 21(3), 356–374.
<https://doi.org/10.1080/1369118x.2017.1281329>
- Braman, S. (2004). The Emergent Global Information Policy Regime. In *Palgrave Macmillan UK eBooks*. Palgrave Macmillan.
<https://doi.org/10.1057/9780230377684>
- Castro, J. C. L. de. (2020). Controle via agência em plataformas algorítmicas. *Galáxia (São Paulo)*, 44, 144–157. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/1982-25532020244064>
- Cepêda, V. A. (2018). A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, 40-74.
- Cesarino, L. (2019). Identidade e representação no bolsonarismo. *Revista de Antropologia*, 62(3), 530-557
- Cesarino, L. (2020). Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil *Internet & Sociedade*, 1(1), 91 a 120.
- Cesarino, L. (2022). *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. Ubu Editora
- Chaui, M. (1981). *O que é ideologia* (5th ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Dahlberg, L. (2018). Visibility and the Public Sphere: A Normative Conceptualisation. *Javnost - the Public*, 25(1-2), 35–42.
<https://doi.org/10.1080/13183222.2018.1418818>
- Dahlgren, P. (2005). The Internet, Public Spheres, and Political Communication: Dispersion and Deliberation. *Political Communication*, 22(2), 147–162.
<https://doi.org/10.1080/10584600590933160>
- Dijck, J. van, Poell, T. & WAAL, M. de, 2018. *The Platform Society: public values in a connective world*. Nova York: Oxford University Press.
- Eco, U. (1995) Folha de S. Paulo, “Caderno Mais!”
- Fallis, D. (2014). The Varieties of Disinformation. *The Philosophy of Information Quality*, 135–161.

- https://doi.org/10.1007/978-3-319-07121-3_8
- Fallis, D. (2015). What is Disinformation? *Library Trends*, 63(3), 401–426. <https://doi.org/10.1353/lib.2015.0014>
- Ferreira, R. (2022). Repensar a esfera pública política a partir das Câmaras de Eco: conceitos e questões metodológicas. *Liinc Em Revista*, 18(2), e6067–e6067. <https://doi.org/10.18617/liinc.v18i2.6067>
- Fisher, N. A. K., Karen E. (2013, March 15). A social diffusion model of misinformation and disinformation for understanding human information behaviour. Informationr.net. Disponível em: <http://informationr.net/ir/18-1/paper573.html>
- Gomes, W. (2006). Apontamentos sobre o conceito de esfera pública política. *Maia, R.; Castro, MCPS (orgs). Mídia, esfera pública e identidades coletivas. Belo Horizonte: Editora UFMG*
- González de Gómez, M.N. (1999). *Caráter seletivo das ações de informação*. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/126>
- González de Gómez, Nélide, M. N. (2012). *Regime de informação: construção de um conceito*. 22(3), 43–60.
- González de Gómez, M. N. (2020). As Ações de Informação e seus contextos: aportes da pragmática ao campo investigativo da Ciência da Informação. *Informação & Sociedade: Estudos*, 30(4), 1–20. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n4.57788>
- Habermas, J. (2006). Political Communication in Media Society: Does Democracy Still Enjoy an Epistemic Dimension? The Impact of Normative Theory on Empirical Research. *Communication Theory*, 16(4), 411–426. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2006.00280.x>
- Habermas, J. (2008). Comunicação política na sociedade mediática: o impacto da teoria normativa na pesquisa empírica. *LÍBERO*, 21, 9–21. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/592/560>
- Karlova, N. A., & Lee, J. H. (2011). Notes from the underground city of disinformation: A conceptual investigation. *Proceedings of the American Society for Information Science and Technology*, 48(1), 1–9. <https://doi.org/10.1002/meet.2011.14504801133>
- Lubenow, J. A. (2010). Esfera pública e democracia deliberativa em Habermas: modelo teórico e discursos críticos. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 51, 227–258.
- Negri, C., Lemos Igreja, R., & Rodrigues Pinto, S. (2019). “Aconteceu também no Brasil”: a captura das redes de esperança pela extrema
- Nunes, A. M. A. (2020). Máquinas sociais e a desinformação em rede: o papel das entidades de software na formação de opinião na internet (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Paxton, R. O. (2007) A anatomia do fascismo.
- Prodanov. (2013). Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico - 2a Edição. Editora Feevale.
- Romanini, A. V., & MIELLI, R. (2021). A comunicação dominada pelas “big techs” digitais: superabundância informativa, espetáculo, alienação e fabricação de sentido no mundo algorítmico. *Revista Eptic*, 23(1), 142–161.
- Schneider, M. A. F., & Oki, C. S. (2022, August 23). *Desinformação digital em rede (DDR) e luta de classes*. Enancib.ancib.org.

<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxiiencib/paper/view/1115>

Silva, A. B. D., Brites, C. M., OLIVEIRA, E. D. C. R., & Borri, G. T. (2014). A extrema-direita na atualidade. *Serviço Social & Sociedade*, 407-445.

Silveira, S. A. da (2019). *Democracia e os códigos invisíveis*. Edições Sesc.

Solano, E. (2018). Crise da Democracia e extremismos de direita.

Vatikiotis, P., & Yörük, Z. F. (2016). Gezi Movement and the Networked Public

Sphere: A Comparative Analysis in Global Context. *Social Media + Society*, 2(3), 205630511666218.

<https://doi.org/10.1177/2056305116662184>

Wardle, C., & Derakhshan, H. (2017). *INFORMATION DISORDER : Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*.

<http://tverezo.info/wp-content/uploads/2017/11/PREMS-162317-GBR-2018-Report-desinformation-A4-BAT.pdf>

7 NOTAS

¹ Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/367399/seria-inviavel-hackear-eleicao-mas-hackear-mente-d.htm>.

² Sobre o manual de Steve Bannon. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-manual-de-steve-bannon-e-atualizado-conforme-cada-lugar-diz-ao-dcm-professora-da-universidade-de-zaragoza/>.

³ O relatório do grupo SumOfUs levantou casos em que conteúdos impulsionados foram usados durante a campanha do ex-presidente Jair Bolsonaro à reeleição em 2022. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/s3.sumofus.org/pdf/Stop_The_Steal_2.0_Part_2.pdf?ref=nucleo.jor.br.

⁴ Disponível em: <https://apublica.org/2021/03/influenciadores-digitais-receberam-r-23-mil-do-governo-bolsonaro-para-propagandar-atendimento-precoce-contracovid-19/>.

⁵ Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/04/05/o-que-diz-o-filme-1964-o-brasil-entre-armas-e-livros-que-relativiza-a-ditadura-militar.html>.

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/07/01/datafolha-comunismo-ditadura.ghtml>

⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/08/homem-armado-ameaca-professoras-da-filha-por-nao-receber-lembanca-de-dia-dos-pais.shtml>.

⁸ Forma de vida aqui é entendida aqui como aquela que vincula um modo social e epistêmico de saberes, informações, práticas e experiência ao desenvolvimento de ações (González de Gómez, 1999).

⁹ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/11/10/tse-responde-a-nova-vestida-de-militares-contraurnas-eletronicas-sistema-e-seguro>.

¹⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2020/09/30/ongs-indios-inpe-governadores-di-caprio-veja-quem-ja-foi-acusado-por-bolsonaro-de-ligacao-com-queimadas-e-desmatamento.ghtml>.